DISCURSOS DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DO CEARÁ GEN. CARLOS STUDART FILHO

1. AGRADECENDO HOMENAGEM DO INSTITUTO DO CEARÁ

Recebei, peço-vos, com benevolência, os desalinhados conceitos que ides ouvir neste solene momento.

Eles bem merecem a vossa complacência por isso que, embora desataviados, insulsos e quiçá molestos, representam um voto, consubstanciam o esforço mental de alguém que sente esvanecer-se o estro, e visam, em princípio, a expressar o nosso reconhecimento a todos vós por haverdes condescendido em aqui comparecer

Igualmente solicitamos não vos surpreendais com as palavras na aparência sibilinas que, a seguir, pronunciaremos. Elas sem tardança serão compreendidas.

Unicamente criaturas privilegiadas, gênios ou predestinados, são capazes de realizar feitos grandiosos e criar obras imperecedouras.

Não te presumas um desses eleitos da Providência. Sê modesto em teus propósitos, comedido em tua linguagem e simples no viver.

Estuda, medita, trabalha e publica o que bem houveres aprendido ou bem souberes realizar. Outros darão às criações do teu engenho - se elas o merecerem - o desenvolvimento e a feição de que, porventura, careçam. Completarão a tua obra e a humanidade lucrará com isso. Desse modo agindo, os teus esforços não terão sido vãos porque contribuiram para o progresso e bem estar dos teus semelhantes e, assim, poderás te considerar recompensado e feliz por haveres cumprido com eficiência e zelo a missão que na terra, te reservou o destino.

Esses avisados conselhos, máximas de saber a um tempo socrático e confuciano, ouvimos de nosso pai, cearense radicado em Manáus, onde tanto honraria o nome dos Studart.

Cursavámos, então, o Ginásio Amazonense, hoje Colégio Estadual, onde lecionavam mestres prudentes e sábios.

Lá pontificavam, entre outros Plácido Serrano, paraíbano instruido e dinâmico que sempre viveu do ensino e para o ensino; Júlio Nogueira, o filólogo cearense que tanto se faria notado na Capital da República, pela sua competência em questões de linguagem; Cariolando Durand, amazonense cuja inteligência tocava às raias da genialidade e que foi poeta, pintor, arquiteto, teatrólogo, burocrata, jornalista e seria o nosso catedrático de francês.

Agnello Bittencourt, autêntico varão plutarquiano, sábio e santo cuja

profundeza de conhecimentos nos complexos domínio das ciências humanas, era de todos reconhecida e exaltada. Artur Cesar Moreira de Araujo, militar egresso das fileiras do Exército para brilhar nas lides do magistério e cuja cultura e retidão sobremaneira iríamos admirar quando, já aluno do quinto ano ginasial, frequentávamos, também, a Escola Municipal do Comércio de que era diretor e lente.

Na primeira daquelas venerandas casa de ensino, tivemos por condiscípulos Demóstenes de Carvalho, cearense que se doutoraria em Medicina, vindo a ser vice Governador da terra natal, na administração de Matos Peixoto;

Manuel Severiano Nunes que, em 1950, ascenderia a egrégia posição de Senador da República; Álvaro Botelho Maia, jornalista militante, escritor e poeta de invulgar atividade e que seria um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras; bacharel em direito, desempenhou as elevadas funções de interventor federal em seu estado, de deputado à Constituinte, em 1937, e, ainda, de Senador e Governador do Amazonas; Cosme Ferreira Filho, Guilherme e Romero Estelita, Abelardo Araujo, e muitos outros de idêntico estofo mental e que, pelo tempo em fora, tão bem saberiam, à maneira dos colegas citados, honrar as belas tradições humanísticas do Ginásio Amazonense.

Manaus, daqueles idos, era, na verdade, um autêntico viveiro de homens do mais alto valor intelectual e sem favor poderia ser considerada, à feição de Fortaleza dos nosso dias, a capital da Cultura brasileira.

Nessa Colmeia augusta e vicejante, alguns, à maneira de João Barafunda, José Maria Correia de Araújo, Vicente Reis, Saturnino Santa Cruz de Oliveira e Solon Pinheiro, exercem atividades no jornalismo político; outros militam no foro, onde fulgem Bernardino de Paiva, José Alves de Sousa Brasil, Aquiles Beviláqua e Aristides Rocha brilhante inteligência das terras amazônicas.

Outros ainda, são farmacêuticos, juízes e engenheiros de inconcusso saber.

No campo da medicina, destacam-se, entre muitos, Ribeiro da Cunha, Carlos Bôto, Teógenes Beltrão, Brito Pereira, João Coelho de Miranda Leão, Aires de Almeida, Alfredo Augusto da Mata, Zeferino Rodrigues, Jorge de Morais e, mais tarde, Adriano Jorge, médico, professor e homem-de-letras de talento invulgar.

Notáveis seriam ainda Vivaldo Palma Lima e Augusto Linhares, cearense de Baturité, intelectual e erudito autor de vários escritos de mérito.

Mas não era apenas isso. Consoante já o dissemos em trabalho lido na Academia Cearense de Letras, vivíamos, então, a época do apogeu da borracha, efêmera Idade de ouro surgida espúria em plena selva equatorial do Novo Mundo.

Fluia o tempo em que o ouro negro irradiava, pelo orbe inteiro o seu irresistível fascínio e às baixadas verdoengas do Grande Vale, afluiam, por isso mesmo, homens vindos de todos os quadrantes do globo.

E a Cidade Sorriso, terra da promissão para as criaturas laboriosas e pertinazes, tornara-se, tal qual Belém, um centro cosmopolita de primeira grandeza. Românticos e aventureiros, filhos da nobreza européia e ínfimos párias sociais, almas varonis e ruínas humanas, conformados e rebeldes, ali se acotovelam e turbilhonam numa confusão de feira.

A muitidão que lhe entope as ruas e avenidas largas, pavimentadas e linheiras, ou espairece pelas praças e jardins bem cuidados, é uma mescla indefinida de tipos raciais cujas as cores variam do negro retinto, do barbadiano, ao branco, do nórdico quase apigmentado, é, no fundo, incaracterística como qualquer complexo étnico tendente à formação de uma raça histórica.

Naquela rediviva Canaan dos inícios do século XIX, o dinheiro era, sem dúvida, a palavra mágica que estava em todas as bocas, mas nela havia, também, preocupações honestas, de mundanismo, conforto e bem-estar material.

Quando nos maiores agregados humanos das regiões sul e leste do País, em S. Paulo, Rio, Recife, Salvador e Porto Alegre, azêmolas mal nutridas e gafeirentas faziam mover penosamente veículos de transporte coletivo e a luz de bicos-de-gás mal clareava ruas e casa, Manaus possuía iluminação e bondes elétricos, água encanada e um completo e perfeito serviço de esgôto.

O Teatro Amazonas abria os largos portões de madeira lavrada, para receber companhias de comédias e de óperas que jamais pensariam em descer ao Rio de Janeiro ou ir a S. Paulo, temerosas de fracasso financeiro.

Conjuntos teatrais, cujo repertório constava únicamente de óperas de Wagner, excursionam pelo Grande Vale, dando representações em Manaus e Belém para júbilo dos apreciadores da música erudita e independência econômica dos artistas que, sempre regiamente pagos, de lá voltavam ricos, quando voltavam... Para eles, faire l'Amérique - expressão extravagante ainda hoje usada para significar a ação de indivíduos que viajam pelo Novo

Mundo com fins de ganho - era uma parada em que jogavam a vida contra jóias caras e cédulas do tesouro.

E esse Teatro Amazonas, monumento arquitetônico de apurado gosto artistico, o Palácio de Justiça e o Instituto Benjamin Constant, e alguns outros edifícios, construídos nessa época de opulência e fausto, ficariam para relembrar - às gerações de hoje - as belezas e louçanias daquela cidade mui querida onde decorreram a nossa infância distante e a nossa remota mocidade.

Não obstante vivermos naquele ambiente tumultuário, os edificantes conselhos de nosso pai, suas palavras repassadas de bondade, não foram vãos, como não o seriam, também os ensinamentos, porventura recebidos, ao longo de nossa vida escolar, de colegas mais experientes e cultos.

De temperamento introvertido e tímido, em todo tempo mais nos comprazeram o ambiente aconchegado da família, o morno silêncio das bibliotecas e arquivos e as largas excursões campesinas, de que o burburinho das festas, o bulício irritante das noitadas alegres e o estrondear dos alcouces.

E por assim haver ocorrido e por sermos arredios ao contato das turbas, de muitos vagares dispuzemos e deles nos valiamos para ler, meditar e aprender.

Hoje, sentimo-nos plenamente recompensados e felizes por havermos bem aproveitado os nossos ócios. Desse modo ocorre, porque, malgrado a mediania de nosso saber e de nossa inteligência, publicamos livros e escritos outros de menor tomo, que foram lidos e louvados por estudiosos de reconhecido valor intelectual, sucesso que nos leva à fácil pressuposição de que os compulsaram igualmente leitores ocasionais e leigos desejoso de se instruírem. Pouco importa que tais consultas possam ter ocorrido raramente, de qualquer modo elas se efetivaram e, temos, portanto, o direito de pensar que algo fizemos pelo progresso intelectual de nossos compatrícios e a humanidade com isso se beneficiou.

Recompensados e felizes nos sentimos, outrossim, por havermos sido alvo desta cativante e honrosa manifestação de simpatia. Muito, muito obrigado.

(Proferido na sessão solene de homenagem ao Presidente do Instituto por motivo do 60º aniversário de sua formatura em Medicina, do 50º do seu ingresso no quadro de Sócios Efetivos e do 10º da eleição para a Presidência deste sodalício).

2. POSSE DOS NOVOS SÓCIOS EFETIVOS J.C. ALENCAR ARARIPE E ITAMAR SANTIAGO ESPÍNDOLA

Esta casa de honrosas tradições e de inestimáveis serviços prestados à causa da cultura - que é o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), - acolhe, hoje, dois novos Sócios Efetivos, assim preenchendo as vagas existentes em seu quadro.

Conquanto o momento seja dos mais festivos, não nos podemos furtar à evocação daqueles que, precisamente, se ausentaram do nosso convívio para sempre, deixando-nos, porém, o legado precioso de suas vidas exemplares.

Queremos nos referir a José Osvaldo de Araújo que por sua dedicação verdadeiramente extremada a este Instituto, e a Antônio Gomes de Freitas, que por seu amor entranhado à terra natal objeto de todos os acurados estudos que realizou, erguem-se, na nossa memória, como vultos imortais, a projetarem no futuro uma contribuição marcante para a cultura cearense.

Ponderou o lúcido escritor francês Romain Rolland que "criar é matar a morte", e afirmamos nós que José Osvaldo de Araújo e Antônio Gomes de Freitas, por seus trabalhos criativos-aquele colecionando pacientemente primeiros números de periódicos, cujo acervo hoje é cobiçado por famosas Universidade norte-americanas, - e este indo buscar o determinismo das leis físicas da vida.

Goethe, o genial pensador alemão, glória da humanidade, sentenciou que devemos renunciar à nossa existência para existir verdadeiramente. Assim o fizeram aqueles companheiros, dando às suas vidas uma finalidade que não consistia, apenas, no prazer de viver.

Eles confiaram ao Instituto do Ceará um legado realmente precioso, que temos o dever de preservar, contando, insistimos, para tanto, com a colaboração entusiástica de novos companheiros, a quem acolhemos depositando-lhes a mais inteira confiança, acreditados como dignos de ocuparem as cadeiras que foram de José Osvaldo de Araújo e de Antônio Gomes de Freitas.

Ao ilustre consócio Dr. Francisco de Assis Arruda Furtado caberá fazer a saudação ao jornalista José Caminha Alencar Araripe e ao Dr. Itamar Santiago Espíndola, ressaltando-lhes os méritos com os quais concorreram ao preenchimento das vagas existentes no quadro social deste Instituto.

Convidamos, pois, o orador a vir à tribuna para se desincumbir da tarefa, com o talento e a inspiração que lhe admiramos e à altura de um acontecimento deveras significativo, prestigiado pelas presenças de autoridades, intelectuais e muitas outras pessoas gradas e, ainda, aqueles que, aquiescendo em aceitar o nosso convite, aqui compareceram honrando-nos com as suas presenças.

3. O BRASIL E AS CLASSES ARMADAS

Antes de dar a palavra ap consócio encarregado da palestra de hoje, quero, como militar, consignar aqui - dada a transcedente importância e a significação social desse fato auspicioso - o meu aprazimento pelas numerosas e justas homenagens que vem recebendo, de todas as classes sociais do Ceará, o Exmo. Sr. General Milton Tavares, comandante da 10ª Região Militar, por isso que tais homenagens representam o unânime aplauso à sua atuação benemérita no desempenho das altas funções militares que lhe foram conferidas.

Quero, igualmente, tornar público, embora infringindo normas estatutárias vigentes nesta casa - falta de que, desde logo, humildemente me penitencio ante meus ilustres consócios - que é inane, e sem apoio na realidade atual, o *slogan* estulto apregoando a volta imediata dos militares a seus quartéis.

No momento presente, neste mundo de violências e insídias em que vivemos, mundo de criaturas batidas pela descrença nos valores eternos e de mente solapada pela dúvida, mas facilmente influenciadas pela palavra de líderes que são verdadeiros mestres do embuste, de demagogos solertes que torcem, em proveito das doutrinas por eles professadas, a realidade dos sucessos mais sabidos e, desse modo, se tornam os fautores maiores da inquietação e descrença, confusão e medo que infernizam à vida de milhares de criaturas, tal medida seria perigosa e contra-producente, podendo até resultar em verdadeira catástrofe.

Nesse universo tumultuado, insistamos, paraíso de discutidores retóricos, que tecem em derredor de fatos consagrados, de verdades inconcussas e, ainda, de teorias e princípios universalmente aceitos, uma teia de sofismas ou lhes contrapõem argumentos emaranhados, incongruentes e velhacos, eles, os militares brasileiros, devem, na verdade, continuar a postos, trabalhando, dentro e fora das casernas, pela paz social e maior grandeza da pátria.

Assim deve ser porque, de longa data, a atuação profícua e benemérita das classes armadas se tem feito sentir nos mais variados setores da vida pública, fato que claramente se evidencia pelo país inteiro. No nosso Ceará, por exemplo, raros, raríssimos governadores se podem ombrear, no que tange ao dinamismo realizador e no respeito à coisa pública, com Virgílio Távora, César Cals e José Adauto Bezerra.

4. POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA

Não faz muito, afirmávamos, em sessão solene deste respeitável sodalí-

cio, havermos alcançado, naquela noite memoranda, o ácme da trajetória que vínhamos percorrendo pelos longos e fadigosos caminhos da nossa vida de humílimos cultores das Belas Letras.

Assim prejulgávamos porque fôramos, então, distinguidos com a Medalha Barão de Studart, venera augusta pela primeira vez conferida a estudiosos dos nossos fastos regionais e com a qual houveram por bem agraciar-nos os doutos consócios do Instituto do Ceará.

Erráramos, porém, e desse modo ocorrera, porque o destino benevolente já então nos havia reservado outros laureis de não menor vulto e significado cultural.

Hoje, aqui voltamos, cheios de justa emoção e justificado orgulho, para sermos empossados na cadeira nº 35 da egrégia Academia Brasileira de História, e receber, dos nossos visitantes ilustres, o colar acadêmico que simboliza a investidura na cadeira cujo patrono é, também, o Barão de Studart, esse varão plutarqueano a mil títulos venerável e sábio de reconhecida autoridade nos variados domínios das ciências históricas.

Vimos outrossim, na qualidade de presidente do Instituto do Ceará, entrar na posse do diploma de Membro da Comissão de Honra daquela mui egregia entidade cultural.

Tais fatos também nos comovem e dignificam, porque ocorrem justamente quando o nosso sodalício inscreve, em seus anais, um dos mais felizes eventos de sua já longa e fecunda existência de noventa anos de produtivo labor, qual seja abrir os seus salões para neles acolher a ilustre deputação de dirigentes da respeitabilissima Academia Brasileira de História, visita que oferece o ensejo para confraternização de cultores das Ciências Históricas do sul e norte do país.

Há pouco dissemos justa emoção e justificando orgulho, e o fizemos, não apenas em razão de termos passado a integrar uma associação reconhecidamente rica em valores espirituais e que vem alçando ampla projeção e merecido renome no vasto mundo do *saber*, mas, sobretudo, por nos ter dado ensanchas, a posse daqueles insigmas academicos, de mais amiude, conviver espiritualmente com mestres de méritos inconcussos à maneira do Prof. Dante Laytano, Marcos Aurélio Rangel Pestana de Campos Sales, Jaime A. Marcondes Rocha dos Santos e tantos outros expoentes da cultura nacional, e, assim, termos maiores possibilidades de aprofundar os nossos conhecimentos nos múltiplos campos das histórias e disciplinas correlatas.

Bem sentimos a plenitude da responsabilidade que está implícita no título de Acadêmico; e confessamos o temor de não nos permitir a velhice valetudinária, uma assimilação do vigor que ele transfunde, empenhar-nos-emos, no entanto, em não trair a confiança em nós depositada.

Assim o fazemos em razão de muito nos aprazer o trato de história e porque ela, a grande mestra da vida, consoante afirmava Cicero, e laboratório experimental das ciências sociais, no dizer sempre autorizado do Mestre

Denizard Macedo, é, no momento atual, uma disciplina em pleno ressurgimento, e que assumirá em breve, nos currículos escolares, um papel de maior relevância.

O mundo moderno precisa de história isso porque uma nação se afirma não apenas através das realizações do presente e das perspectivas que essas realizações permitem antever, mas igualmente através do seu passado.

No passado está-como já o afirmou alguém muito apropositadamente - a raiz de tudo, a explicação dos seus momentos iniciais e a sua decisão para existência nos quadros universais.

(Proferido na solenidade em que foi empossado na Cadeira nº 35, Patrono Barão de Studart, da Academia Brasileira de História).

5. I CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO DO ACRE

Exmo Senhor Governador do Ceará, Dr. Valdemar de Alcântara,
Exmo Senhor Governador do Acre, Dr. Geraldo Mesquita
Egregios Componentes da Mesa
Dignissimas Autoridades
Minhas Senhoras e meus Senhores

Ao dar início aos trabalhos desta sessão solene é mister destacar, desde logo, que, ao comemorar o Governo do Acre, o Primeiro Centenário do Povoamento daquela unidade brasileira, o Ceará e o nosso Instituto se fizeram presentes às cerimônias cívicas que, então, se realizaram, com elas solidarizando-se por inteiro.

E era natural que desse modo ocorresse porquanto entre os audazes aventureiros que, na segunda metade do século XIX e dealbar do seguinte, reproduziram, com lanços ainda mais heróicos, a epopéia do nosso bandeirismo setencentista, os cearenses avultaram em número, vigor e pugnacidade.

A esse tempo, a Amazônia dominava, pela magia de suas fantasiadas riquezas, o pensamento de todos os filhos do Ceará. O mito do Eldorado, que vivera na imaginação esbraseada dos homens dos séculos XVI, XVII e XVIII, renascia, no Brasil Norte-Oriental, em plena época da máquina, para de novo alastar corações ingênuos ou temerários.

"As vozes dos regressos da Hiléia derramavam pelo Nordeste o feitiço amazônico, o mistério das matas, dos entes assombrosos, dos indígenas furtivos, dos frutos ignorados pelo sabor sertanejo."

"Solicitados pelo alarido que de lá vinha, através dos mares, concitando incautos e desesperados à aventura fascinante dos seringais, dos negócios

fáceis, da fabulosa fortuna jamais alcançada, falaz para tantos desafortunados quão efêmera para quantos dos menos infelizes'', encaminhavam-se, às amplidões verdes daqueles plainos alagados, indivíduos de todas as classes sociais.

As terras do Grande Vale, semi-envôltas ainda nas nébulas do ignoto, eram, outrossim, a vasta região para onde derivavam preferentemente os sertanejos que nas graves crises da superpopulação, geradas pelas sêcas esporádicas, se viam coagidos a abandonar as glebas originárias.

Assegura o professor Joaquim Alves que, de 1869 até o fim do século, saíram do Ceará 300.902 pessoas, sendo 255.526 para o extremo norte e 45.376 para o sul do Brasil.

Mas não era a Amazônia unicamente a Canaã que inflamava a imaginação e acendia incontidos desejos nas almas sedentas de pecúnia; tampouco ali estava apena o país mirabolante de riquezas, enigmas e segredos pelo qual se sentem irresistivelmente atraídos os homens de ânimo forte e espírito desenvolto e suspiram os vencidos da vida; aquele mundo em formação era, sobretudo, o país das planícies sem fim, a região geográfica dos largos horizontes de que sentem necessidade inadiável os cearenses, em geral. Desejam-no as nossas gentes para aliviar ânsias ambulatícias e aventureiras que os confrangem e atormentam desde a sua formação como povo. Herdada de ancestrais longínquos, essa tensão psicológica vem-lhe dos troncos ameríncolas e brancos; aqueles, em maioria, descido das planícies herbosas da Ásia, e estes, fruto da mescla de bárbaras, nômades e belicosas tribos européias. Chamada por José de Alencar ''a predestinação de uma raça'', a este anseio de certo melhor caberia a denominação de ''o sinete de Asvero''.

Mas eles, os cearenses, não apenas desbravavam os chãos do Inferno Verde e aí fixaram morada.

Os que ao Acre então se dirigiram, fizeram mais, muito mais; lutaram com galharda sobrançaria contra as pretensões expansionistas de solertes e gananciosos que intentaram avassalar tratos daquelas terras ubertosas que eles haviam conquistado com tanta intrepidez. Por tudo isso, a lembrança desses heróis jamais se esvanecerá.

Eles deixaram, ademais, descendentes viris, os acreanos de hoje. Alguns voltaram ao berço nativo para rápidas visitas, outros para ele vieram no propósito de radicarem definitivamente.

Julgando um dever cívico homenagear, também, essa progenie de heróis, V. Exo.Sr.Governador e o Instituto do Ceará em colaboração com B.N.B. programaram a sessão solene que ora se inicia, e à qual honrosa presença dos Exmos. Srs. Governadores do Ceará e do Acre dá particular realce por isso que, de certo modo, simboliza a união entre as gentes dos dois estados brasileiros.

Para cumprir a missão de que, neste festival, foi incumbido, passo a palavra ao corsórcio Dr. Francisco de Assis de Arruda Furtado.

(Proferido na solenidade comemorativa do centenário do início da colonização nordestina do Estado do Acre.)

6. SOLENIDADE DE 4 DE DEZEMBRO DE 1978

Senhores:

Personagens existem cuja vida ou feitos benemerentes, devem ser amiude rememorados de maneira solene. Assim agindo, cumpre-se, em toda a plenitude, um dever cívico inelutável por isso que tais cerimônias representam um preito de reconhecimento de que são credores aquele que prestam a humanidade serviços relevantes; significam, ainda, justa manifestação de simpatia aos homenageados.

São oblatas sempre renovadas, a oferenda de uma admiração, tributos de nosso agradecimento pelos benefícios, de vária natureza, que eles legaram à humanidade e, ainda, um culto cívico que enobrece aqueles que o tributam. Tais solenidades são, outrossim, obras grandemente benéficas para as jovens gerações, pois que apontam exemplos a seguir e personagens a cultuar.

Assim considerando, aqui estamos reunidos para reverenciar, com pompas e galas, a memória daquele por muitos considerado o maior de todos os brasileiros, o Imperador Dom Pedro II. O Instituto celebra, conjuntamente com a Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia, órgão pioneiro surgido no Ceará, o aniversário de nascimento do grande Monarca, a quem a Pátria ficou a dever quarenta anos de concórdia e paz interna.

Mas não é apenas a varões assinalados que se foram para sempre, mergulhando de vez nas trevas ignotas do não ser, que temos o dever de prestar às nossas reverências. Igualmente fazem jus ao nosso apreço, são credores de nossa veneração, aqueles que, pelo valor, bravura pessoal, magnanimidade ou saber, se destacaram como autênticos heróis, surgidos nestes dias tumultuários que atravessamos, criaturas ilustres que conosco convivem, iluminando-nos com os resplendores de suas benemerências. Assim considerando, concordam os egrégios membros do Instituto do Ceará, veneranda instituição que tanto se tem identificado com o progresso Cultural de nosso Ceará, terra mui querida, a que tem prestado serviços relevantes, em mais de noventa anos de ininterrupta e produtiva existência,

em render hoje merecida homenagem de muito apreço ao Comendador Luiz Cavalcante Sucupira, um dos seus membros mais conspícuos e que integra a sua diretoria. Sem diminuir os demais componentes desta notável grei de homens de saber, geógrafos e antropólogos, avulta ele, em nosso meio, pela dedicação inexcedível e o idealismo próprio de quem se desdobra em trabalhos prestados a várias instituições, sem visar, jamais, a recompensas.

Qual aroeira de cerne resistente, ele parace imune à canseira e aos agravos de velhice e, assim, a cada dia aparece mais ágil, intelectual e fisicamente.

Concedeu-lhe o Instituto a Medalha Barão de Studart, deste ano de 1978, comenda que instituiu, por intermédio desta entidade, o Sócio Honorário Dr. Carlos Guilherme Studart, digno cearense que se esforça por manter bem viva a memória do inolvidável patrono desta casa.

Trata-se de uma insígnia cuja concessão se faz com a unção do respeito e da justiça.

Impõe-se o testemunho público deste acontecimento, que é a razão maior da reunião de hoje.

Como orador oficial da solenidade, falará o ilustre Consócio Dr. Francisco de Assis Arruda Furtado, a quem damos a palavra.

(Proferido na abertura da sessão solene de 4 de dezembro de 1978, em que foi entregue a Medalha Barão de Studart ao Sócio Efetivo Comendador Luís Cavalcante Sucupira, e homenageada a memória do Imperador Dom Pedro II como Patrono da Astronomia Brasileira).